



A Revista Olh@res entrevistou o prof. Antonio Nóvoa, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, cuja produção intelectual tem sido uma referência constante no debate sobre o papel da universidade na formação de professores. Suas reflexões apontam para a importância, na formação inicial, de a universidade repensar suas atividades pedagógicas e, em lugar das aulas tradicionais, cada vez mais proporcionar atividades de orientação, tutoria e supervisão, além de intensificar a formação de grupos de trabalho e de pesquisa em que a crítica ao conhecimento, sua reconstrução e a produção de conhecimentos novos são o centro dos fazeres dos estudantes. Para isso, as tecnologias podem se constituir em instrumentos auxiliares na criação de espaços de diálogo e partilha de saberes.

Para a formação profissional dos docentes, prof. Nóvoa tem enfatizado a necessidade de os estágios serem reorganizados de modo que, ancorados nas organizações escolares, propiciem aos professores do centro formador, aos estudantes e à própria escola, a realização de estudos de caso, à semelhança do que ocorre na educação médica cujo processo, na visão do prof. Nóvoa, é exemplar.

Em relação à formação contínua tem disseminado a ideia de “escola aprendente”, e com isso quer dizer, a escola como um lugar de análise e discussão da prática docente, um lugar em que a experiência individual é partilhada, recriada e inserida na experiência coletiva e, com isso, transformada em conhecimento profissional formativo.

Alguns desses aspectos relacionados à formação inicial e contínua foram retomados nessa entrevista que o prof. Nóvoa concedeu à Olh@res.

Você é um pesquisador que, há vários anos, tem contribuído para o debate sobre formação de professores. Desde a década de 1990, muitos formadores e estudantes brasileiros lêem seus escritos. O que mudou nesses 20 anos em relação aos desafios que as instituições formadoras enfrentam?

Nas últimas duas décadas, desde o final dos anos 80, verificou-se uma importante mudança nas políticas e nas práticas de formação de professores, designadamente com as teses do “professor reflexivo” e do “professor como pesquisador”. Mas, hoje, temos consciência de que foi mais uma revolução nos discursos do que uma revolução nas práticas. Parece-me necessário devolver a formação de professores aos professores. Parece-me necessário que os professores tenham um lugar predominante na formação dos seus colegas, e não têm tido. Esta é a questão central que tem de ser respondida pelas instituições formadoras.

Como você vê o emprego de recursos tecnológicos na formação de professores? Tem havido impacto positivo nesse processo? Tem havido desvios?

O modo como as tecnologias se têm desenvolvido nos últimos anos abre perspectivas muito interessantes para a educação. Parece estranho, porque olhamos para elas como “máquinas”. Mas, curiosamente, a sua evolução recente permite imaginar a valorização do estudo e da aprendizagem em vez das aulas tradicionais, o reforço do diálogo e da comunicação, a criação de espaços de

partilha e de cooperação. Podemos até dizer que o uso inteligente destes meios pode ajudar a concretizar grande parte do ideário, ainda por cumprir, da modernidade pedagógica. No entanto, até hoje, com poucas exceções, o trabalho feito neste domínio tem sido muito pobre, limitando-se a repetir, à escala tecnológica, um ensino tradicional.

De acordo com a legislação educacional brasileira, um curso de formação de professores deve possuir, no mínimo, 3.200 horas, das quais, 300 horas devem ser dedicadas aos estágios desenvolvidos em escolas públicas ou privadas. Qual é sua avaliação sobre o papel do estágio na formação de professores? Os estágios contribuem para a aprendizagem da docência?

O estágio, tal como se encontra organizado, tem pouca utilidade. Julgo que devíamos inspirar-nos no exemplo dos médicos. Aqui, a formação tem uma forte componente teórica, mas tem também uma dimensão prática e uma iniciação à pesquisa científica. A fase final da formação é organizada a partir de estudos de caso (clínicos) que são analisados, discutidos, trabalhados pelo professor, por médicos e pelos estudantes-médicos. A formação está fortemente ancorada na profissão médica e nas organizações hospitalares. Gostaria também que a formação dos professores estivesse fortemente ancorada na profissão docente e nas organizações escolares.

Considerando o desempenho brasileiro nas avaliações da educação básica, em relação aos países mais desenvolvidos, e a importância da formação de professores nesse debate, o que deveria ser prioritário nos cursos de formação de professores?

Tenho vindo a defender a criação de uma nova instituição que junta, no seu seio, escolas da rede e universidades. É uma instituição que ainda não existe e que tem de ser inventada. Nela, todos têm de desempenhar funções como professores, como formadores e como pesquisadores. Os professores da rede serão chamados a tarefas de formação e a colaborar na pesquisa. Os formadores (universitários) deverão ter momentos nas escolas e desenvolver trabalhos de pesquisa. Os pesquisadores serão chamados à sala de aula e participarão na formação dos professores. Esta instituição ainda não existe, mas é urgente que alguém tenha a coragem de a criar.

Fala-se muito em qualidade da Educação. Como você define esse conceito, considerando a polissemia e a complexidade que o envolve? Qual a relação entre a formação de professores e a qualidade de educação nessa perspectiva?

Um conceito não é indissociável da utilização que dele se faz. E o conceito de “qualidade da educação” tem sido muito mal tratado e tem servido, muitas vezes, para defender causas e ideologias que não partilho. O meu ideal passa sempre por “uma escola onde todos aprendem”. Ao afirmar isto, estou a dizer que não me basta uma “escola para todos”, mas que

também não me basta medir a qualidade pelas “aprendizagens individuais”. Os professores e a sua formação são a pedra basilar de uma escola onde todos aprendem e, neste sentido, são a pedra basilar da qualidade da educação.

Em entrevista à Revista *Educação e Pesquisa*, você afirmou que a Educação transita entre a riqueza dos discursos e a pobreza das práticas. Quais seriam, em sua opinião, as alternativas para sair de tal polarização?

No campo da educação temos muitas teses, muitos discursos, mas não nos organizamos de modo a conseguir que eles se concretizem na prática. Não vale a pena falar do professor reflexivo se, nas escolas, os professores não tiverem tempo nem condições para reflectir. Não vale a pena falar em colaboração entre universitários e professores se houver uma diferença enorme de estatuto no plano simbólico e material. É preciso que sejamos coerentes e que saibamos construir instituições que liguem, de facto, os discursos às práticas, e vice-versa.

António Nóvoa
9 de Agosto de 2012